

A perfeita vida no Além: notas sobre uma utopia espírita

Michelle Veronese¹

Resumo:

Neste trabalho, apresento alguns dos principais elementos definidores do conceito de utopia, discutindo seus limites e ambivalências à luz do pensamento de Jerzy Szacki e de sua obra *As Utopias ou A felicidade Imaginada*. Em seguida, aplico esta conceituação à análise de um texto espírita escrito nos anos 1930 e chamado *Cartas de Uma Morta*, que descreve a perfeita sociedade do Além e, conforme irei argumentar, trata-se de uma narrativa repleta de características do pensamento utópico.

Palavras-chave: utopia; espiritismo; religião; literatura.

Abstract:

In this paper, I present some of the key defining elements of the concept of utopia, discussing its limits and ambivalences in the light of the thought of Jerzy Szacki and his work *As Utopias ou A felicidade Imaginada*. His concept of utopia is then applied to the analysis of the spiritist book *Cartas de uma Morta*. Written in in the 1930s, it describes a perfect society in the Afterlife and, as I will argue, has a lot of the elements of an utopian thinking.

Keywords: uopia; spiritism; religion; literature.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bolsista do CNPQ.

“Haverá maior riqueza do que levar uma existência alegre e pacífica, livre de ansiedades e sem se preocupar com a subsistência”

Thomas More - *Utopia*

“Entre eles, a justiça e a verdade não são um mito e, há muito, a ciência está reunida à fé”

Chico Xavier - *Cartas de uma Morta*

Introdução: O nascimento de um conceito

Quando o escritor inglês Thomas More lançou o livro *Utopia*, em 1516, acabou introduzindo ao mundo mais do que um novo vocábulo, o qual ele próprio havia inventado, e, certamente sem pretensão, apresentou um conceito que passou a abarcar um riquíssimo gênero literário. Para dar título à sua obra, o humanista e conselheiro do rei Henrique VIII combinou três palavras gregas: *tópos*, que significa lugar; *eu*, que quer dizer bom; e *ou*, não-existente. A partir daí, nasceu o termo *utopia*, que pode ser traduzido, ao pé da letra, como “o bom lugar que não existe”.

Na obra de More, o bom lugar não-existente é a Ilha de Utopia, de localização desconhecida, mas cuja vida, costumes e leis são descritos nos mínimos detalhes pelo autor. Trata-se de uma república, “a única que pode ter a pretensão de usar esse nome”, segundo ele afirma. Naquele local perdido no oceano, não circula dinheiro -- uma estratégia que, diz o narrador, livrou os habitantes do risco da ganância --, não existem bordéis, cervejarias ou tavernas e o maior lazer é o aprendizado constante. Composta por 54 cidades, “grandes, magníficas, idênticas em línguas, costumes, organização e nas leis”, a ilha tem governantes, legisladores e uma constituição cujo principal objetivo é deixar os cidadãos livres, para que possam dedicar-se à liberdade e à cultura do espírito. “É nisso que consiste, segundo os utopienses, a verdadeira felicidade da vida”, escreveu More.

Polêmica e repleta de crítica social à Inglaterra de seu tempo, a obra de More tornou-se referência e passou a emprestar seu título a todos aqueles escritos que apresentavam um novo modelo de vida em sociedade. Assim, obras como a *República*, de Platão, a *Eneida*, de Virgílio, os relatos sobre o Paraíso Terrestre dos cristãos e as histórias sobre viagens no tempo, para ilhas e cidades desconhecidas, passaram a ser chamadas de utópicas. O conceito, no entanto, é amplo e repleto de ambiguidades, por isso é importante, antes de prosseguir, delimitá-lo.

Uma busca nos dicionários dá algumas pistas iniciais sobre a diversidade de sentidos atribuídos à palavra utopia. Ao lado deste verbete, encontramos definições como “ideal impossível de ser realizado; fantasia; quimera” e “qualquer concepção ou descrição de uma sociedade justa, sem desequilíbrios sociais e econômicos, em que todo o povo usufrui de boas condições de vida”. Ou ainda: “Segundo a doutrina marxista, modelo abstrato de sociedade ideal, constituído como crítica à sociedade moderna, porém impossível de se por em prática por não se vincular às determinações econômicas e políticas da realidade.”

Porém, quando se menciona a palavra utopia, o senso comum tende a falar mais alto, predominando entre a variedade de significados. Utopia é, então, entendida como sinônimo de sonho e à fantasia. Esse sentido, por sinal, é bastante utilizado em revistas e jornais, que frequentemente apresentam manchetes como “A utopia do trânsito livre!” e “A utopia da comida sadia”. A primeira, publicada no jornal O Estado de S. Paulo, apenas para exemplificar, dá título a um artigo que discorre sobre a viagem do veículo-robô *Curiosity*, em Marte, mostrando que o tranquilo trânsito do Planeta Vermelho jamais será alcançado por aqueles que diariamente enfrentam longos congestionamentos nas ruas da Terra. A outra, da Folha de S. Paulo, introduz uma reportagem que defende que a alimentação saudável e orgânica é utópica porque “não está ao alcance de quem vive nas metrópoles.” Em ambos os textos, o argumento se constrói sobre a mesma ideia-chave: o utópico está restrito à esfera do impossível e do inalcançável.

Utopia, no entanto, é mais do que o sonho impossível criado ao sabor de uma imaginação criativa. Também, segundo Jerzi Szacki, não deve ser entendida exclusivamente como uma proposta de alternativa à realidade, nem de ideal social e menos ainda como um experimento com intuito de aperfeiçoamento da sociedade (1972, p. 12). Todos esses aspectos, lembra autor de *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*, estão presentes no pensamento utópico. Porém, segundo alerta, não deveríamos entender este conceito unicamente pelo filtro de um ou de outro elemento nele contido. Para compreender, Szacki sugere regressarmos à etimologia da palavra e retomarmos o que há de comum nas diferentes concepções apresentadas.

Ficamos de acordo com a etimologia: a utopia é o lugar que não existe. Ficamos também em acordo parcial com todas as interpretações apresentadas acima: há sempre uma profunda dissonância entre a utopia e a realidade. O utopista não aceita o mundo que encontra, não se satisfaz com as possibilidades atualmente existentes: sonha, antecipa, projeta, experimenta. É justamente esse ato de desacordo que dá vida à utopia.(p. 12-13)

O que Szacki está propondo, na verdade, é um afastamento do olhar do pesquisador, um distanciamento para que o conceito consiga abarcar a realidade estudada de modo mais amplo e

menos limitador. Dentro dessa amplitude, sabemos, residem ambivalências. Mas qual conceito, no fim, estaria livre de contradições já que a própria realidade que tenta traduzir também é dotada delas? Para iluminar um pouco mais o que é o pensamento utópico, vale trazer algumas ideias frequentemente repetidas em obras que foram reunidas sobre o guarda-chuva da utopia. Szacki apresenta a primeira: um profundo desacordo com a realidade existente. Marilena Chauí, em *Notas sobre Utopia* (2008, p 8), lista outros seis, que sintetizo a seguir:

1. a utopia é normativa, prescreve a realidade como essa deveria ser
2. a utopia nega a sociedade existente
3. a utopia pinta em tons negativos o mundo presente
4. a utopia busca a felicidade tanto para o indivíduo quanto para a sociedade
5. a utopia mescla realismo e irrealismo
6. a utopia tem fronteiras fluidas, podendo estar na literatura, na política, na religião

Com base nestes elementos, podemos analisar as mais diversas obras literárias ou projetos, sejam sociais, políticos ou partidários, buscando neles as características do pensamento utópico. E, uma vez encontrando tais características, é possível, ao pesquisador, questionar: até que ponto o texto utópico é reflexo dos anseios, medos e esperanças da época em que foi produzido? É o que busco fazer a seguir, ao lançar um primeiro olhar e os primeiros questionamentos sobre o texto espírita *Cartas de Uma Morta*,

O Além-Túmulo: uma utopia espírita

O movimento espírita brasileiro surgiu em fins do século XIX, quando as obras do francês Allan Kardec passaram a circular entre uma elite intelectual sedenta por novidades. Como os livros chegavam da França e como aquela nação era uma espécie de madrinha cultural de nosso país, não é de se estranhar que tenham rapidamente se popularizado por aqui. O primeiro livro, que circulou em francês, chamava-se *Le Livre des Eprits* e apresentava os principais elementos da doutrina espírita: a crença na imortalidade da alma, na reencarnação dos espíritos e na possibilidade de comunicação entre vivos e mortos por meio de um indivíduo dotado de dons especiais e chamado de médium.

A doutrina apresentada por Kardec ganhou inúmeros adeptos, que formaram grupos de estudos, os quais se multiplicaram pelo Brasil afora. O movimento se organizou e, com o passar do tempo, assumiu sua vocação como religião. Vieram os primeiros líderes e, entre eles, uma figura se destacou: Chico Xavier. Médium e grande divulgador da doutrina, ele é considerado o maior nome do espiritismo brasileiro, tendo psicografado mais de 400 livros. Uma de suas primeiras obras, lançada em 1935, é *Cartas de Uma Morta*, uma coletânea de missivas cujo texto é atribuído à sua mãe, morta duas décadas antes.

Cartas de Uma Morta reúne 123 pequenos textos que narram a experiência de Maria João de Deus após sua morte. O livro tem início com o relato da mulher sobre seus últimos momentos de vida, sua luta contra a doença que a debilitava e a dificuldade em aceitar sua nova condição: a de morta. Angústia, saudade e dor são as emoções descritas pela narradora nas primeiras páginas da obra. Porém, conforme a leitura avança, o tom da escrita muda e vemos a angústia dar espaço à alegria. É nesse momento que a mulher começa a descrever a vida no Além-Túmulo, apresentando um relato repleto de elementos utópicos, que apontam para uma sociedade perfeita, localizada além do tempo e do espaço e que se opõe à realidade atual vivida na Terra, a qual é pintada em tons negativos.

O Além ou Além-Túmulo, segundo a narradora, situa-se entre os planetas que fazem parte da Via Láctea ou talvez num deles. A localização exata não é apresentada. Mas sabe-se que é ali que vivem os espíritos daqueles que morreram.. Esses deixaram seus antigos corpos materiais para trás, e, ao chegarem no Além, ganharam outros mais sutis, porém, semelhantes aos anteriores. No espaço, os espíritos não se nutrem de alimentos, apenas de oxigênio, o qual é tido como suficiente para abastecê-los de energia. Eles não sentem fome, não sofrem de cansaço, não têm dores, doenças e aflições. Trata-se de um lugar e de uma existência marcada pela paz, harmonia e felicidade. Como diz a narradora:

A vida, pois, aí decorre como se fosse numa abençoada estação de repouso, onde se descansa de muitas lides e se aprendem as mais proveitosas lições para o progresso das lutas futuras. (p 37)

A vida no Além lembra muito a da Terra. Tem líderes, habitações, hospitais e instituições como a família. É uma sociedade extremamente organizada, porém, de acordo com novas ou preceitos até então desconhecidos ou não aplicados. Diz ela:

Lá, também, a sociedade se organiza, as suas leis predominam, as famílias se reúnem sob os imperativos das afinidades naturais, luta-se, estuda-se, nos amálgama dos sentimentos que caracterizam o homem racional. (p 20)

Sobre os laços familiares na Terra e no Além, ela comenta:

Os pais da Terra não são criadores e sim zeladores das almas, que Deus lhes confia no sagrado instituto da família. Os seus deveres são austeríssimos, enquanto é do advedrio superior a sua permanência na fase do globo; mas, aquém das fronteiras da carne, é preciso que considerem os filhos como irmãos bem-amados. (p 23)

No lugar descrito na obra, existe um outro tipo de matéria, mais sutil. Tal característica permite aos espíritos deslocarem-se em velocidade muito além do que a mente humana poderia imaginar, viajando pelos planetas. O tempo também não é contado de acordo com os relógios da Terra e ali prossegue noutra ritmo. No lugar das trevas noturnas, há apenas uma redução da luminosidade do dia. A ocupação dos espíritos que habitam o Além é dedicarem-se constantemente ao aprendizado. Esse, porém, não é feito por meio dos livros e, sim, por intermédio de uma substância especial:

Nesse lugar, a educação intelectual e o aprimoramento das possibilidades sensíveis são o principal escopo de todas as atividades da criatura. Assim como tendes os vossos livros, que representam o repositório de vossa cultura, há também uma substância, que retêm os grandes pensamentos das almas nobres. Nenhuma lição fica, pois, perdida e todos os espíritos procuram assimilar a essência desses profundos ensinamentos. (p 34)

Já a terra, vista de longe, do ponto de vista dos espíritos que habitam o Além, é descrita como um lugar distante da paz e da felicidade, para o qual não há esperança nem oportunidade de transformação, apenas castigos.

Lá está a Terra com seus contrastes destruidores; os ventos da iniquidade varrem-na de pólo a pólo, entre os brados angustiosos dos seres que se debatem na aflição e no morticínio. São comuns, ali, as chacinas, a fome, a epidemia... No universo, poucos lugares abrigarão tanto orgulho e tanto egoísmo. Por tal motivo é que esse mundo necessita de golpes violentos e rudes. (p 42)

Conclusão: a utopia como reflexo de uma época

Tal como a Ilha de Utopia, de Thomas More, o Além desta narrativa espírita foi deslocado para fora do espaço que conhecemos. Não está visível aos olhos, nem pode ser visitado por aventureiros mais curiosos. Mas alguém esteve lá e retornou para tornar conhecida a vida naquela sociedade perfeita. Esse, vale lembrar, é um mote constante nas utopias, geralmente apresentadas na forma de viagens a reinos distantes, ilhas perdidas ou civilizações desconhecidas.

Szacki faz uma interessante classificação que podemos empregar para melhor compreender o relato deste perfeito não-lugar chamado Além-Túmulo. Ele divide a utopia em dois tipos: as escapistas e as heroicas. As primeiras, como o próprio nome indica, contentam-se em descrever a sociedade perfeita, porém, não convidam os seres humanos à ação, isto é, não

ênfatiza a ideia de que devemos transformar nossa realidade ou reagir às imperfeições desta. O outro tipo de utopia é a heroica, que faz um comando à ação, propondo algum tipo de atitude, seja de criação de um núcleo de bondade na sociedade (caso daqueles que se dedicam à vida monástica, por exemplo) ou de transformação (caso das utopias políticas). O Além encaixa-se no primeiro tipo, sendo claramente uma utopia escapista, já que não propõe um chamado à mudança na Terra. Em vez disso, vê a sociedade presente com isenta de salvação e fadada às trevas.

As características da utopia elencadas por Chauí também podem servir para analisar a sociedade no Além-Túmulo. Vejamos: ela aponta para uma realidade em seus mínimos detalhes, normatizando-a e descrevendo-a ora com ideias realistas, tomadas de nossa própria realidade, ora com características irreais, retiradas da esfera da imaginação (1 e 5); ela rejeita a sociedade atual, vendo-a de forma negativa (2 e 3); e propõe uma alternativa de paz, felicidade e realização individual e social (4). E, por ter sido uma utopia produzida dentro de uma determinada literatura religiosa, aponta justamente para a fluidez de fronteiras citada por Chauí, a qual lembra que o pensamento utópico pode emergir seja na política, na literatura, na religião ou em outras esferas (2008, p. 8).

Por fim, é importante destacar que os relatos utópicos estão também carregados de referências - e, muitas vezes, de críticas - ao contexto no qual foram produzidos. São, embora soe óbvio repetir, frutos de seu tempo. No caso de More, por exemplo, a Ilha de Utopia é uma referência à Inglaterra do século XVI, na qual as ideias humanistas ganhavam força e alimentavam o sonho de uma sociedade governada justa e harmoniosamente. Daí, seu retrato de uma república perfeita. Aquele era também o período das grandes navegações, quando navegantes se aventuravam em alto-mar em busca de paraísos desconhecidos. Não foi por acaso, portanto, que ele deslocou sua utopia para uma ilha.

Cartas de Uma Morta é igualmente reflexo de seu momento histórico, em que o mundo acaba de sair da Primeira Grande Guerra, lidando com perdas, mortes, destruição e desesperança. Daí faz sentido sua descrição da Terra como um lugar fadado ao sofrimento e à dor, marcado por atitudes bélicas e ao qual não resta salvação. O espaço utópico deste livro também não foi escolhido por acaso. Se esse encontra-se em algum dos planetas da Via Láctea, lembremos que a Terra e todos os seus oceanos e continentes, naquelas primeiras décadas do século XX, já não guardavam mais mistérios para o explorador e o aventureiro. Esses, agora, dirigiam seu olhar para céu, para o espaço. Ali, nessa nova fronteira, na década de 1930, aviões de passageiros faziam seus primeiros vôos, novas estrelas eram prescrutadas por telescópios mais avançados e um planeta, batizado de Plutão, acabava de ser descoberto. Tudo isso é, sem dúvida, matéria-prima não para a simples fantasia, como senso comum tende a supor quando aborda o pensamento utópico, mas para significativas propostas de sociedades perfeitas para onde as esperanças são projetadas.

Bibliografia

AULETE Dicionário. Disponível em: www.uol.com.br/dicionario.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre Utopia. Revista Ciência e Cultura, vol. 60, n 1, São Paulo: julho, 2008.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. São Paulo: Ide, 1974.

_____. *O livro dos médiuns*. São Paulo: Lake, 1981.

_____. *Viagem espírita em 1862*. São Paulo: O Clarim, sem data.

LEWGOY, José Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de doutorado, 2000, USP, 353 p.

MORE, Thomas. Utopia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SZACKI, Jerzi. *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

XAVIER, Chico. *Cartas de Uma Morta*. São Paulo: Feb, 1935.